

**Lewis Carroll**

**AVENTURAS  
DE ALICE NO  
SUBTERRÂNEO**

**editora scipione**





**A**venturas  
de **Alice**  
no Sub  
**terrâneo**

**Um**

**Presente de Natal**

para

uma **Criança Querida**

em **Memória**

de

um **Dia de Verão.**

# Capítulo 1



Alice já estava mesmo cansada de ficar sentada com sua irmã na margem do rio sem ter o que fazer. Uma ou duas vezes havia espiado o livro que a irmã estava lendo, mas ele não tinha figuras nem diálogos. "Para que serve um livro", pensou Alice, "sem figuras nem diálogos?" Ela então começou a refletir lá com seus botões (da melhor forma que pôde, já que o calor daquele dia a fazia sentir-se meio preguiçosa e estúpida) se o prazer de fazer uma grinalda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando um coelho branco de olhos rosados passou correndo pertinho dela.

Não havia nada de muito extraordinário nisso, nem Alice considerou tão fora do comum ouvir o coelho dizer consigo mesmo: "Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Como estou atrasado!". (Pensando nisso mais tarde, ela percebeu que deveria ter se espantado, mas naquele momento tudo lhe pareceu muito natural.)

Quando, porém, o coelho tirou um relógio do bolso do colete, olhou as horas e saiu de novo em disparada, Alice percebeu que nunca na vida tinha visto um coelho de colete, muito menos com um relógio no bolso! Morta de curiosidade, saiu correndo atrás do coelho campo a fora, bem a tempo de vê-lo pular para dentro de uma grande toca debaixo da cerca. Alice saltou atrás dele sem demora, sem nem cogitar por um instante como iria sair de lá.

O buraco seguia em frente por um túnel estreito e depois descia terra adentro de maneira tão abrupta que Alice nem teve tempo de pensar como interromper sua queda, pois já se viu caindo dentro de um poço muito profundo. Ou o poço era profundo demais ou ela é que caía muito lentamente, pois teve até tempo de olhar em volta e imaginar o que poderia acontecer em seguida. Primeiro olhou para baixo, tentando ver aonde estava indo, mas a escuridão era grande demais para enxergar alguma coisa. Então, olhou ao redor do poço e percebeu que ele estava coberto de prateleiras e estantes: aqui e ali havia quadros e mapas pendurados. Enquanto passava, pegou um pote em uma prateleira em cujo rótulo estava escrito: "Geleia de laranja", mas para

sua grande decepção ele estava vazio; ainda assim, decidiu não jogá-lo fora, com medo de matar alguém lá embaixo, e resolveu que o colocaria de volta em alguma outra prateleira.

"Bem", pensou Alice consigo mesma, "depois de uma queda como esta, levar um tombo na escada não vai ser nada. Como todos vão me achar corajosa lá em casa! Mas eu não contarei nada a ninguém, mesmo que caia lá de cima do telhado!" (É bem provável que não contasse mesmo.)

Caindo, caindo, caindo. Será que essa queda nunca teria fim? "Fico imaginando quantos quilômetros já terei caído. Já devo estar chegando bem perto do centro da Terra. Deixe-me ver: devem ter sido mais de seis mil quilômetros, por aí..." (como se vê, Alice tinha aprendido muitas lições como essa na escola, e mesmo que aquela não fosse uma oportunidade lá muito boa para exibir seus conhecimentos, já que não havia ninguém por perto para escutá-la, ainda assim era sempre bom praticar um pouco) "... sim, essa deve ser a distância certa, mas em que latitude e em que longitude será que estou?" (Alice não fazia ideia do que fosse longitude, muito menos latitude, mas essas palavras pareciam causar um grande impacto!)

Em seguida, começou a falar de novo: "Gostaria de poder passar através da Terra! Como seria engrasado sair do outro lado, no meio das pessoas que andam de cabeça para baixo! Mas então eu teria que perguntar a alguém que país era aquele, você sabe: Por favor, senhora, aqui é a Austrália ou a Nova Zelândia?". E ela tentava fazer uma medida enquanto falava (imagine fazer uma medida enquanto se está caindo num buraco... veja se isso é possível!). "Mas que menina burra ela ia achar que eu era! Não, seria melhor não perguntar nada, provavelmente estaria escrito em algum lugar."

Caindo, caindo, caindo... Como não tinha nada mais para fazer, Alice começou a falar de novo. "Diná sentirá muito a minha falta esta noite." (Diná era sua gata.) "Espero que se lembrem de sua tigela de leite na hora do chá! Oh, minha querida Diná, gostaria tanto que você estivesse comigo! Não há nenhum rato por aqui, mas você poderia tentar pegar um morcego, que é muito parecido com um rato, sabe, querida? Mas será que gatos comem morcegos?" E enquanto Alice ia ficando cada vez mais sonolenta, continuava dizendo consigo mesma, como se estivesse sonhando, "Gatos comem morcegos? Gatos

comem morcegos?" E, às vezes, "Morcegos comem gatos?", mas, como não sabia nenhuma das duas respostas, não importava a ordem das perguntas. Então adormeceu e começou a sonhar que estava andando de mãos dadas com Diná, enquanto perguntava muito séria: "Agora, Diná querida, conte-me a verdade: você já comeu um morcego?". E então, de repente, *Plaft!* *Plaft!* Ela caiu em um monte de gravetos e folhas secas e, enfim, a queda havia terminado.

Como Alice não tinha machucado nada, ficou de pé rapidinho; olhou para cima, mas estava escuro demais, olhou para a frente e viu um longo corredor, e mais adiante o coelho branco correndo apressado. Não havia um momento a perder e Alice correu também, bem a tempo de ouvi-lo dizer enquanto dobrava uma esquina: "Ai, minhas orelhas, ai, meus bigodes, como estou atrasado!". Continuando atrás dele, Alice logo se viu em uma sala baixa e comprida, iluminada por uma fileira de lâmpadas que pendiam do teto.

Havia várias portas ao redor da sala, mas todas estavam trancadas e, depois de tentar abrir uma por uma e voltar desanimada para o centro da sala, procurando imaginar um jeito de sair dali, de repente Alice viu uma pequena mesa de três per-

nas e toda de vidro, sem nada em cima a não ser uma minúscula chave de ouro. O primeiro pensamento de Alice foi que ela deveria pertencer a uma das portas, claro. Mas que azar! Ou as fechaduras eram



muito grandes ou a chave era muito pequena, e desse jeito não dava para abrir nenhuma porta. Entretanto, numa segunda tentativa, Alice viu uma cortina baixinha, atrás da qual encontrou uma portinha de cerca de quarenta centímetros de altura. Ela experimentou a chave na fechadura e o encaixe foi perfeito! Alice então abriu a porta e, ao olhar através de uma estreita passagem, menor que um buraco de rato, avistou o mais adorável jardim que já tinha visto na vida. Como gostaria de sair daquela sala escura e poder brincar entre aqueles canteiros de flores e fontes de água fresca! Mas ela não podia passar nem a cabeça pelo buraco da porta. "Mesmo que a minha cabeça pudesse passar", pensou a pobrezinha, "ainda assim ela não serviria para muita coisa sem os meus ombros.